

AS ORIGENS DO «AUTO DE DEUS PADRE E JUSTIÇA E MISERICÓRDIA»

Aucune conception théologique n'a été plus fertile au Moyen-Age que la personnification de certaines vertus, sous le nom de «Filles de Dieu». Quelque variées que soient les nombreuses compositions dans lesquelles ce sujet a été traité, elles remontent en général à la même source: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi; justitia et pax osculatae sunt* (1).

Teófilo Braga dedicou algumas páginas fugitivas a este auto anónimo — de concepção *verdadeiramente poética*, diz ele (2). Catarina Michaelis de Vasconcelos também se lhe referiu, assim como à *Obra da geração humana*, classificando-os, justamente, de *mistérios importantes, de concepção internacional* (3). Mais tarde, Anselmo copiou-lhe o título e parte do vasto subtítulo (4), enquanto a *História da literatura portuguesa ilustrada* (5) reproduzia, fotograficamente, o frontispício deste folheto de cordel. Enfim, Révah teve o bom gosto de reeditar, há poucos anos, esta peça de teatro, juntamente com a *Obra da geração humana* (6),

(1) ROBERT GROSSETESTE, *Le Château d'Amour*, ed. por J. Murray, Paris, 1918, p. 71 (na introdução de Murray).

(2) TEÓFILO BRAGA, *Escola de Gil Vicente*, Porto, 1898, p. 157.

(3) CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*, Madrid, 1922, pp. 106-107.

(4) ANTÓNIO JOAQUIM ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no séc. XVI*, Lisboa, 1926, n.º 19 do suplemento.

(5) T. 2, Lisboa, 1930, p. 127.

(6) *Deux autos méconnus de Gil Vicente*, ed. por I. S. Révah, Lisboa, 1948.

atribuindo ambas a Gil Vicente ⁽⁷⁾ e assinalando, de passagem, as raízes antigas do *Auto de Deus Padre e Justiça e Misericórdia* ⁽⁸⁾. Pois bem, é este ponto das origens que pretendemos desenvolver aqui, pondo novamente o leitor em contacto com estas páginas do nosso teatro quinhentista.

Mesmo esteticamente, vale a pena contemplar o Menino-Deus, sobre o palco antigo, uma criancinha maravilhosa enviada ao mundo, depois dum debate difícil entre as razões austeras da Justiça e os argumentos piedosos da Misericórdia. É uma espécie de história da nossa redenção, a que não faltam figuras que emergem das sombras do Limbo, entre elas Adão «chagado e preso em ferros»:

AUTO DE DEOS PADRE E JUSTIÇA E MISERICÓRDIA. *Obra novamente feita, em a qual se representa a Misericórdia e a Justiça perante deos padre, pera se determinar quem ha de padecer polla linhagem humanal. E fala primeyramente a Misericórdia pedindo perdã a deos que ouvesse piadade de Adam e que lhe perdoasse ho pecado. Ho qual a justiça contra diz que toda via padecesse adam e os que delle decendessem. E visto per deos padre acordou que ho seu precioso filho viesse ao mundo a padecer polla humanal linagem ⁽⁹⁾ e enviou ho anjo Gabriel aa cidade de Galilee a saudar aa virgem nossa senhora, declarando lhe a encarnaçam do filho de deos. E as feguras são as seguintes, s., Deos padre, Misericordia, Justiça, Anjo, Joseph, Ysayas, Zaca-*

(7) I. S. RÉVAH, *Deux «autos» de Gil Vicente restitués à leur auteur*, Lisboa, 1949; IDEM, *L'attribution à Gil Vicente de la «Obra da Geração Humana». Examen des objections du prof. Álvaro Júlio da Costa Pimpão*, em *Bulletin d'histoire du théâtre portugais*, t. 1, n.º 1, Lisboa, 1950, pp. 93-115; IDEM, *L'attribution à Gil Vicente de la «Obra da Geração Humana». À propos d'une nouvelle note du prof. Álvaro Júlio da Costa Pimpão*, *ib.*, t. 2, n.º 1, Lisboa, 1951, pp. 89-106; COSTA PIMPÃO, na crítica a *Deux «autos» méconnus de Gil Vicente e a Deux «autos» de Gil Vicente restitués à leur auteur*, em *Biblos*, t. 24, Coimbra, 1948, pp. 571-574; IDEM, *Em torno de uma portada*, *ib.*, t. 25, Coimbra, 1949, pp. 439-444; IDEM, *A propósito da atribuição de dois Autos de autor ou autores desconhecidos a Gil Vicente*, *ib.*, t. 26, Coimbra, 1950, pp. 520-536. E. Asensio, M. Bataillon, A. Bell, J. de Faria, G. le Gentil, R. Ricard e A. J. Saraiva aderiram à tese de Révah e outros admitiram, pelo menos, a sua grande probabilidade. Cf. *Bulletin d'histoire du théâtre portugais*, t. 2, n.º 1, Lisboa, 1951, pp. 105-106.

(8) I. S. RÉVAH, *Deux «autos» de Gil Vicente restitués à leur auteur*, Lisboa, 1949, pp. 29-35.

(9) O mesmo que *linhagem*. Deixámos, aqui, as iniciais minúsculas que vêm nalguns nomes próprios. De agora em diante emendaremos para maiúsculas. Também corrigiremos a pontuação, separaremos algumas palavras e poremos um ou outro acento.

rias, Adam, Agripina, Eretea, Bras, Llorente, Gregorio, Pascoal, Sebilia Tibortina, Anjo, Nossa senhora; e diz primeiramente a misericórdia.

Para as fontes remotas deste auto, recuemos à tradição medieval, sobretudo à *contenda* narrada por S. Bernardo, no *sermon da Anunciaçom* ⁽¹⁰⁾. Conforme diz a tradução portuguesa da *Vita Christi*, dos meados do séc. XV, a *soma do seu dito* (scilicet, de S. Bernardo) resume-se no que segue:

Diante de Deus, suplicavam os anjos que desse remédio à desgraça da *linhagem humanal*. Que os homens pudessem entrar no paraíso! A Misericórdia dizia que sim, ajudada pela Paz. Contra ela (embora respeitosamente) erguia-se a integérrima Verdade, apoiada pela Justiça. Começa então um longo e dramático debate que trazia dentro de si toda a história futura. E escutamos o diálogo desta *demanda*:

Dizia a Misericórdia a Deus: a criatura racional ha mester amerceamento divinal, porque feita he mizquinha e digna he seer amerceada; vindo he o tempo de se aver della merçee. A Verdade dizia o contraíro: peço te, senhor, que complas a palavra que diseste. Todo linhagem de Adam moyra com todos que eram em elle quando pecou, comendo o pomo vedado. Disse a Misericórdia: senhor, porque me fezeste, ca bem sabe a Verdade que, se te nunca amerceares, eu perdida seerey. E a Verdade o contraíro afirmava: se scapar da tua sentença o pecador, perder se á a tua verdade e nom durará pera sempre.

Esta questom foy enviada per o padre ao filho. E em sua presença, tornavam a dizer estas meesmas cousas a Verdade e a Misericórdia, e nom avia hy maneira, ao parecer, per que a Misericórdia e a Verdade podessem juntamente seer guardadas acerca do homem. E ditou o rey hũa sentença deste theor: Esta diz: eu perdida som se o linhagem humanal nom empetrar misericórdia. Seja feita algũa morte que seja boa.

[.....]

Seja ergo huum [sancto] buscado que moyra por caridade e nom seja obrigado aa morte e assy a morte nom poderá reteer aquelles que lhe nom forem obrigados. Mas, será feito em ella huum forado per que poderám scapar livres. Prougue lhes desta palavra, mas diziam: onde poderá seer achado tal como este? Cercou a Verdade todallas terras e nom pode achar alguem que fosse limpo de todo pecado nem moço que nom ouvesse mais d'huum dia. E a Misericórdia buscou no ceo e nom achou quem ouvesse caridade [...]. E a Paz fallou de travessa, consollando as,

(10) Para este sermão em latim, cf. *PL*, t. 183, cols. 385-390.

e disse: Nom vos maravilhees, nom sabees que nom ha hy quem faça bem nem ha hy mais que humm? Aquelle que deu o conselho dê o remedio (11).

Assim se fez. O anjo Gabriel foi ter com a Virgem Maria — e desta forma a *Misericórdia e a Verdade se encontraram, e a Justiça e a Paz se bejarom*.

Não era sòmente S. Bernardo a falar desta *contenda*. Nas páginas exegéticas da *Miscellanea*, por Hugo de S. Vítor († 1141). assistimos à mesma cena:

Deus estava em cima e o homem em baixo. A Verdade estava no céu, junto de Deus, que era o juiz, e a Misericórdia estava na terra, com o homem que ia ser julgado. Aonde é que ela devia estar, senão junto do desgraçado? Talvez tivesse descido, sem a Verdade dar por isso, pois esta sabia que ela viria e temia a sua vinda.

Desceu, pois, a Misericórdia em primeiro lugar, para não acontecer que, se a Verdade chegasse à frente, ela depois já o não encontrasse. Tendo Deus, por conseguinte, tomado consigo a Verdade, baixou à terra, para ajustar contas com o homem. Ao ver isto, a Misericórdia, conhecedora das divinas intenções, foi ao seu encontro, desejando aplacar Deus e torná-lo propício. Porém, ao ver a Verdade, que avançava com o rosto voluntarioso, correu primeiramente ao seu encontro, para ela parar e não avançar demais, até que ela dissesse ao Senhor o que lhe tinha a dizer. E foi ali que a Misericórdia e a Justiça se encontraram.

Então, a Misericórdia, com doce desculpa, depòs a sua queixa perante Deus, dizendo levar a mal não a terem chamado para tomar parte neste negócio, principalmente costumando Deus levar sempre as duas companheiras, para onde quer que fosse. Com efeito, disse ela, sendo *todos os caminhos do Senhor misericórdia e verdade* (Ps. 26), como é que o meu Senhor se contenta sòmente com a Verdade e não chama a Misericórdia, principalmente lembrando por toda a parte a Escritura que a Misericórdia não só é igual, mas também está em primeiro lugar? Efectivamente, não está escrito verdade e misericórdia, mas *misericórdia e verdade são todos os caminhos do Senhor*. Ora, eu que devia estar em primeiro lugar encontro-me, agora, no último e, o que mais me ofende, não fui chamada para a tua companhia! Porquê?

Em sentido oposto, a Verdade respondeu que, nesta viagem, a Misericórdia não podia nem devia necessariamente acompanhar o Senhor, não só por ele, na sua vontade, ter ordenado o contrário (e por isso não podia achar-se presente nesta obra do Senhor), mas também por a Misericórdia não ter saído com ele. E acrescentou que a própria Misericórdia é que

(11) LUDOLFO DE SAXÓNIA, *O Livro de Vita Christi*, t. I, Lisboa, 1495, fl. 9-9v. Corrigimos a pontuação e pomos iniciais maiúsculas nos nomes das virtudes personificadas.

devia explicar por que motivo não estivera presente à partida do Senhor, tendo este sido prejudicado pela sua ausência, de modo que se viu obrigado a meter-se a caminho, só com uma companheira.

A isto respondeu a Misericórdia que não saíra com má intenção, nem se ocupava em nenhuma má acção. Pelo contrário, quem não procurava perder e destruir (como fazia a Verdade) mas, sim, salvar, trabalhava mas é pela honra e serviço do seu Senhor. Devia, antes, ser censurado e acusado quem queria abater os servos e ministros do Senhor de tal maneira que, perdendo-se todos, não consentia o alívio de ninguém nem a restituição ao antigo estado, por nenhuma espécie de perdão.

Respondeu, porém, a Verdade não ser decente que o Senhor, bom e justo, tivesse servos maus e injustos.

Disse a Misericórdia que um tão grande Senhor não devia ficar sem ninguém que o servisse.

Afirmou a Verdade que os homens criminosos deviam justamente ser condenados.

Respondeu a Misericórdia que eles, para se tornarem bons, tinham de ser remidos com espontânea piedade.

Disse a Verdade que Deus não devia perdoar aos maus de nenhum modo.

A Misericórdia disse que, se Deus a ninguém perdoasse, nunca teria ninguém que fosse bom.

A Verdade disse não querer nem poder tolerar tantos pecados dos homens.

Respondeu a Misericórdia que a graça do Senhor superabundava no perdão.

Disse a Verdade: cada um pague no corpo, conforme as suas acções.

Disse a Misericórdia: que todo o homem antes se converta ao Senhor e viva!

Vindo elas, pois, ao seu encontro e desejando inclinar a vontade divina em sentidos diferentes, vendo Deus que pareceres tão diversos eram impossíveis de realizar ao mesmo tempo, diz: — Está escrito: *Deus ama a misericórdia e a verdade* (Ps. 24). Se gosta delas, quer tê-las sempre consigo. E como ambém se diz de Deus, *o seu lugar foi posto em paz* (Ps. 73), não pode ele mantê-las em discórdia. Mas, é impossível haver acordo em vontades tão opostas. Com efeito, quer a Verdade que tudo se pague. E a Misericórdia que se perdoe tudo. Ora, não se podem fazer ambas as coisas ao mesmo tempo. Por isso, a fim de que eu, amante da paz, não me veja obrigado a abandonar a vossa companhia, é preciso que procureis, de parte a parte, inclinar a vontade para um acordo.

A isto respondeu a Verdade ser menos glorioso para si deixar qualquer coisa sem castigo. E a Misericórdia disse que ela se tornaria menos amável se, com piedade, não perdoasse tudo gratuitamente.

Então, Deus perguntou se ambas queriam abdicar a sua vontade na sentença que ele desse, obedecendo sem contradição ao que ele entendesse. Anuindo ambas a isto, na medida em que não houvesse menoscabo para o bom nome e honra de cada uma delas, disse Deus que lhe parecia

justo que o pecado do homem por um lado fosse punido, por amor da Verdade, e por outro lado fosse perdoado, por amor da Misericórdia.

Ambas consentiram nisto e a Verdade ajuntou ser justo que, assim como primeiramente a Misericórdia esteve junto do homem e ela, [a Verdade], permaneceu no céu, assim agora ela ficasse na terra, com ele, subindo a Misericórdia ao céu, na companhia de Deus. De facto, está escrito: *a misericórdia e a verdade vão diante da tua face* (Ps. 88). Se, por conseguinte, a Misericórdia veio adiante e a Verdade ficou, era justo que agora a Misericórdia ficasse [no céu] e a Verdade fosse adiante.

Então, depois de a Misericórdia pedir à Verdade para não se esquecer do combinado, a saber, que nada se fizesse contra o homem além do concedido, subiu com o Senhor. Porém, entrando a Verdade no coração do homem, encontrou ali todos os males e tudo o que merece castigo e pôs-se a gritar da terra, acusando o homem. Por sua parte, a Misericórdia, no céu, não se cansava de pedir ao Senhor pelo homem. Na terra, o homem, acicatado pela Verdade, confessava ter pecado; e Deus, no céu, abrandado pela Misericórdia, apiedava-se de quem assim confessava o seu pecado.

[.....]

Uma vez que a Misericórdia estava junto de Deus, a favor do homem, e a Justiça e a Verdade de Deus estavam com o homem, havia já Paz entre Deus e o homem, por amor de Justiça. Subiu, pois, a Justiça, do homem para Deus, pedindo Paz. E a Paz desceu de Deus para o homem, abraçando e beijando a Justiça ⁽¹²⁾.

Tanto S. Bernardo como Hugo de S. Vítor comentavam o mesmo texto bíblico do salmista: *A misericórdia e a verdade vieram ao encontro uma da outra; a justiça e a paz beijaram-se* ⁽¹³⁾. Mas não dizem que elas eram *filhas de Deus*. Este passo dá-o Pedro Comestor, na segunda metade deste mesmo séc. XII «*Quatuor item regis primogenitae virgines Deo in creatione hominis sunt cooperatae: Veritas, Misericordia, Justitia et Pax*» ⁽¹⁴⁾.

Menos dum século depois, Roberto Grosseteste († 1253), bispo inglês de Lincoln, compôs os versos franceses do *Château d'Amour*. Obra extremamente popular, escreveu-a o autor *in lingua romana* (como diz o prólogo latino) para melhor inteligência dos leigos. Começa pelo princípio do mundo, recorda o pecado original e, ao chegar à redenção, nomeia igualmente as quatro

(12) *PL*, t. 177, cols. 623-625. Também aqui e noutros lugares, pomos iniciais maiúsculas nos nomes das virtudes personificadas.

(13) Ps. 84, 11.

(14) *PL*, t. 198, col. 1736.

filhas de Deus, essas virtudes personificadas que ouvimos dialogar nas páginas de S. Bernardo e de Hugo de S. Vitor:

Quatre filles out icest rei;
A chescune dona par sei
Sun afferant de sa sustance,
De sun sen e de sa puissance
A chescune diversement,
Solom ceo ke a li apent.
De sa sustance out chescune,
E trestut est sustance une
Ke a lur pere aveneit;

Ne sanz iceo il ne poeit
Sun regne en pès gouverner,
Ne od dreiture justiser.
Bon est ke lur nons recorde:
La primere est Misericorde,
La fille a le rei la einz nee,
E l'autre si est Verité
E Justice la tierce après.
La quarte suer ad a non Pès (15).

Em Grosseteste, as *filhas de Deus* também discutem, como em S. Bernardo e Hugo de S. Vitor, repetindo substancialmente o mesmo diálogo. E Guillaume le Clerc, nos começos do séc. XIII, segue pelo mesmo caminho, na *Vie de Tobie*, em versos por vezes bem parecidos aos de Grosseteste (16).

Alguma coisa se escreveu já sobre este tema das *filhas de Deus* (17). Agora, bastam-nos as palavras de J. Murray, ao apontar as raízes judaicas desta personificação das quatro virtudes divinas: «Cette légende des Quatre Filles de Dieu est d'origine juive, et elle appartient au *Talmud*. L'histoire fondée sur la parole du Psalmiste se trouve dans *Midrasch Rabbi, Genesis Paraschâ, fol. 17*, édition Berlin 1866. Selon la version juive, les Quatre Filles de Dieu, dès qu'il est question de la création de l'homme, se divisent en deux groupes. Deux d'entre elles approuvent le projet divin, tandis que les deux autres s'y opposent. Dans les formes chrétiennes de cette allégorie, la dispute entre les quatre Soeurs a pour sujet, non pas la création mais la rédemption de l'homme» (18).

Enorme foi a pujaça desta alegoria das quatro virtudes, enorme e literariamente fecunda: «Dans un Ms. du Musée Britannique nous avons trouvé un sermon qui porte le titre *De Concordia, Misericordia et Veritate*. Le prédicateur exhorte ses ouail-

(15) ROBERT GROSSETESTE, *Le Château d'Amour*, ed. cit., vv. 217-234.

(16) ROBERT GROSSETESTE, *Le Château d'Amour*, ed. cit., pp. 74-76 (na introdução de J. Murray).

(17) ROBERT BOSSUAT, *Manuel bibliographique de la littérature française du Moyen Age*, Melun, 1951, n.ºs 3563, 3564, 3565.

(18) ROBERT GROSSETESTE, *Le Château d'Amour*, ed. cit., p. 71 (na introdução de J. Murray).

les à vivre en paix avec la Justice, la Miséricorde, la Paix et la Vérité⁽¹⁹⁾. Le même sujet se retrouve dans un Ms. de Cambridge⁽²⁰⁾, qui porte le titre de *De Misericordia, Veritate, Justitia et Pace*. Une allégorie latine, publiée sous le titre *Scheirer rythmus von der Erlösung*⁽²¹⁾, a pour sujet une dispute entre la Miséricorde (*Pietas*) et la Justice à propos du rachat de l'homme. La conciliation qui est amnée par le sacrifice du Christ est confirmée par le baiser entre la Paix et la Justice. Cette version de la légende se distingue de la plupart des autres par le fait que le poète y identifie la Vérité avec la Justice et la Paix avec la Miséricorde»⁽²²⁾.

Numa visão narrada por Frei Gerardo de Frachet, nas *Vitae Fratrum Praedicatorum*⁽²³⁾, surgem, novamente, as quatro figuras. E vemo-las subir, sobretudo, aos palcos medievais e quinhentistas do teatro religioso. Nem admira. Era bem fácil pôr estas *filhas de Deus* a representar no palco, arrancando-as às páginas faladas dos autores antigos. É o que vemos no *Procès de Miséricorde contre Justice*, na primeira jornada do *Mystère de la Passion*, representado em Mons, no ano de 1501, mas que já existia substancialmente no séc. XIV⁽²⁴⁾. Lá tornamos a encontrar as personagens simbólicas da Verdade, da Justiça, da Misericórdia e da Paz, cada uma delas trazendo as suas razões, num debate dirigido pela Sabedoria, na presença de Deus.

Longa foi a contenda e não podemos transcrevê-la aqui. Damos sòmente o tom geral deste diálogo teatral, em francês arcaico: — Eu não posso ter-me sem impedir o rigor! exclama a Misericórdia. E ajoelha diante do Príncipe da Paz. Deus olha para ela e chama-lhe, simpàticamente, *damme debonnaire et piteuse*. Sim, boa e piedosa!

Eis que intervém a Justiça e diz que está contra. — Nesse

(19) Mus. Brit., ms. Royal 8. G. VI.

(20) Trinity College, ms. 1149.

(21) *Zeitschrift für deutsches Altertum*, t. 23, pp. 173-189.

(22) ROBERT GROSSETESTE, *Le Château d'Amour*, ed. cit., p. 73 (na introdução de J. Murray).

(23) GERARDO DE FRACHET, *Vitae Fratrum Praedicatorum*, parte 1, cap. 4.

(24) GUSTAVE COHEN, *L'œuvre de la littérature française médiévale*, Paris, 1950, p. 120: «C'est donc au XIV^e que se forme le *Mystère de la Passion*, qui remonte non seulement au Déluge, mais à la création du monde et au péché originel, déjà dépeint dans le *Jeu d'Adam*, pour aller jusqu'à l'Ascension. L'unité du vaste spectacle où une action est, comme dans les romans, sans cesse abandonnée et reprise, est résolue par le *Procès de Paradis*, plaidé devant le tribunal céleste par Miséricorde contre Justice, qui réclame pour l'homme un châtement éternel».

caso, senhora Justiça, tenho de erguer a minha voz! insiste a Misericórdia. — Preciso de ser rigorosa, diz a Justiça. — E eu amorosa, porque sou o refúgio dos homens, replica a Misericórdia.

Nesta altura, Deus entra na questão, como um juiz a orientar o debate: — Vamos ao essencial! — Alto Juiz Imperial, é necessário manter a prisão eterna! decide a Justiça. — Não tendes razão, observa a Misericórdia. E insiste, mais à frente: — O meu pedido parece-vos estranho, mas dizei porquê!? — Não digo eu a verdade? pergunta a Justiça. (Nisto, entra a Verdade, em defesa da Justiça).

Novamente, Deus dirige-se à Misericórdia, chamando-lhe *nobre senhora*. Não há dúvida, Deus está por ela e dá-lhe uma grande esperança: *Ma grace est large et habundant*.

O debate prossegue ainda com as *seis razões* da Misericórdia, as contraditas da Verdade e algumas intervenções da Paz, uma delas em louvor dos argumentos aduzidos pela Misericórdia:

C'est notablement rapporté
Et l'homme obtentra garison ⁽²⁵⁾.

Por fim, harmoniza-se tudo com a encarnação e morte do Filho de Deus — e Gabriel anuncia, logo, o futuro nascimento de Nossa Senhora a S. Ana e a S. Joaquim ⁽²⁶⁾. Glória a Deus nas alturas e, na terra, paz aos homens de boa vontade!

Ora, o *Auto de Deus Padre e Misericórdia e Justiça* envolve o mesmo conteúdo ideológico e dramático do *Procès de Miséricorde contre Justice* (embora com menos figuras, como aliás também sucede na alegoria latina atrás citada). E as fontes devem ser mais ou menos iguais, embora indirectamente, talvez através de representações mais antigas.

Na verdade, deu-se uma certa simplificação, ficando as *filhas de Deus* reduzidas a duas: a Misericórdia e a Justiça. Porém, esta tendência vinha de longe. Efectivamente, quando apareciam as quatro figuras, eram a Misericórdia e a Justiça que dominavam o diálogo, e as outras duas desempenhavam um papel secundário.

(25) *Le livre de conduite du régisseur pour le Mystère de la Passion, joué à Mons en 1501*, ed. por Gustave Cohen, Paris, 1925, p. 43.

(26) *Ib.*, pp. 40-46.

Que o leitor tenha paciência, mas vamos levá-lo (e com que vagar!) através das páginas simples do auto português. Como Dante e Virgílio, veremos também qualquer coisa do reino das sombras:

Misericórdia:

Muy alto Deos eternal,
do ceo e terra creador,
ó padre celestial,
rey dos reis, ó mayoral
sem nenhum antecessor,
semelhante a ti fizeste
Adam de terra formado,
por parceira Eva lhe deste,
o lugar onde os poseste
perderam por seu pecado,

Aquella rica morada,
casa de consolaçam
por ti mesmo edificada;
a serpente empeçonhada
os deitou em danaçam,
perderam a claridade,
cohraram trevas escuras,
não olhes sua maldade,
avê delles piadade,
pois sam tuas criaturas.

Que o diabo enganoso
os tem presos, encarcerados,
em lugar muy tenebroso,
ó padre tam piedoso
perdoa lhe seus pecados.

Justiça:

Não consinto eu, senhor,
que ysso ayas de otorgar,
olha tão grande error,
que o caso he de teor
pera nunca perdoar.

Que justiça não consente,
nem perdoa a quem faz mal,
por pecado tam evidente
deve ser sempre presente

no gram fogo infernal,
porque tu, senhor, os criaste
ambos, sem que mal soubessem,
no parayso os deitaste,
defendeste e lhe mandaste
que de hum fructo não comessem.

E elles não te temêrão,
passaram teu mandamento,
do que vedaste comeram,
pelo erro que fizeram
são dignos de grão tormento,
pera sempre os condena,
mourão, mourão, pois pecaram,
porque justiça ordena
pera sempre lhe dar pena
e òs que delles se geraram.

Misericórdia:

Ó yrmaã minha amada,
não ajas disto cobiça,
deixa me, não digas nada,
torna te mansa, calada,
abranda tua justiça,
não des brados nem clamores,
nam te mostres tam yrosa,
faze me alguns favores,
que perdoar os errores
he obra sancta e piadosa.

Não sejas tam vingativa
contra quem forças não tem,
porque toda a alma cativa
perdoar lhe, por que viva,
cousa he que a Deos convém.

Justiça:

Mas he bem que se conheça

a justiça, em que maneira
cumpre que logo padeça,
por que seu erro mereça
grande pena lastimeira.

E pois os padres primeiros
mereceram danaçam,
não busquem nenhuns terceiros,
padeçam crueis marceiros,
sem nenhũa redempçam.

Misericórdia:

Não me culpes, yrmaã minha,
porque sam precuradora
que venho buscar mezinha
pera aquella alma mesquinha,
miseravel pecadora.

A ti convém de punir
e dar pena, e não inteira,
que a mi convém de pedir,
ainda, pera sayr
tambem com minha bandeira;
bem sabes que Adam pecou
per conselho de molher,
e, se Eva o enganou,
a serpente ho causou,
que os fez ambos comer.

E pois que ja se conhecem,
consente, yrmaã, em meu rogo
e olha como padecem.

Justiça:

Ainda muito mais merecem,
deixa os arder nesse fogo.

Misericórdia:

Assaz tem ja padecido,
com redençã lhe proveita.

Justiça:

Se Adam for redemido,
fica Deos logo offendido
e eu muy mal satisfeita.

Porque esta vara, ygual
à magestade eterna,
cada hum em especial
e a todos em geral
direitamente governa;
e pois Adam nam conheço
a não comparavel glória
por sua culpa perdeo,
moura, pois o mereço,
nam ajas delle memoria.

Misericórdia:

Eu tenho grande paixão
das almas de Deos criadas,
que as vejo em danaçam
e por tua condenaçam
todas sam atormentadas,
e, pois eu sento e padeço
suas angústias e dores,
a ti, meu Deos, me ofereço
e misericórdia te peço
pellos tristes pecadores.

Acude sobre teu gado,
com tua força e poder,
que pelo triste bocado,
amargoso e mal gostado,
se foy todo a perder;
olha que a humanal linhagem
passa todo seu governo
em hũa barca de passagem,
que, com desemparo da viagem,
todos vam ter ao inferno.

Nam se perca tanta gente,
olha, senhor, e consira
que padecem cruelmente,
ó padre omnipotente,
abaixa ja tua yra,
nam faças tanta tardança,
perdoa os que condenaste,
livra os de tribulança,
pois aa tua semelhança
e feitura os criaste.

Olhe seus arrependimentos
a tua alta magestade,

não padeçam mais tormentos,
nãõ por seus merecimentos
mas por tua piadade.

Justiça:

Senhor, tu faze direyto,
pois que es justo juiz,
que ho pecado a ti he feito,
nãõ ajas, senhor, respeito
ao que misericórdia diz.

Julga por peso, medida,
olha que tenho esta vara
tam direita e tam erguida,
nam fique eu abatida,
mas com direito me empara,
desfaleçam como fumo,
deita teus rayos de sanha,
que as vidas eu lhas consumo.
por não passar por tal rumo
hũa maldade tamanha.

Nãõ seja eu agravada,
ouve me tambem a mi,
toda esta gente danada

merece ser condenada
em ho inferno sem fim.

[*Misericórdia*]:

Misericórdia, senhor,
se agora tu nom me vales
sam chea de grande door,
perdoa por meu amor,
nãõ olhes aos seus males.

Porque de ti he escripto
que o peccador culpado,
se com coraçam afrito
e se se arrepender, teens dito
que o ás por perdoado,
pois Adam bem se conhece,
onde jaz em o profundo,
em caso que ho não merece,
livra o, pois que padece,
e por elle todo ho mundo.

Tua magestade veja
que he obra sancta e bem dita
que, inda que ho peccador seja
mais muyto e mais sobeja
ha misericórdia he enfenita (27).

Pacientemente, Deus escuta as razões das suas filhas — a Justiça, com a sua vara *tam direita e tam erguida*, e a Misericórdia, mãe fecunda do perdão. Como sair deste encontro de pareceres tão opostos? Nesta luta familiar, o Pai Celeste chega a dar-nos a impressão de não saber que decisão tomar:

hó filhas, que vos farey,
que vos vejo em discordia,
qual de vós agravarey,
pois que ambas vos criey,
Justiça e Misericórdia (28).

Condene-se, diz uma. Salve-se, responde a outra. E a implacável Justiça não abranda: *nom debes tal conceder!* diz ela. E já

(27) *Auto de Deos Padre e Justiça e Misericordia*, fls. 1v.-2v.

(28) *Ib.*, fl. 2v.

exclamara, um pouco antes: não quero nenhum concerto ⁽²⁹⁾! Nada de compromissos! Mas esta cólera amarga ergue-se inútilmente até Deus, porque ele inclina-se para um perdão misericordioso. Procure-se um homem inocente, um *cavaleyro forte*, que morra pelos homens e os liberte ⁽³⁰⁾!

Impossível encontrar tal homem, exclama a Misericórdia. O pecado *a todos peçonhentou* ⁽³¹⁾. Seja Deus a remir os homens, ele que é a salvação de nós todos!

De modo nenhum, grita a Justiça, pois *tu, senhor, es devino*. Em vão fala a Justiça de conceitos rígidos! Deus deixa-se vencer pela *filha angustiada*, a Misericórdia:

Nam ves que me tem vencido
esta filha angustiada,
pois estou ja demovido,
meu filho amado e quirido
receba tua manada,
moura ho meu filho primeyro,
bondade muy soberana,
mourra e receba marteiro
por salvar natura humana.

Ó filho, aparelhai vos

pera esta forte batalha,
por meu amor esforçai vos,
de paciencia armay vos
[.....]

Entrareis por capitão,
pelejando contra imigos,
com muy grande coraçam,
chamando a vosso pendam
todos os padres antigos
e vencido não ficareis ⁽³²⁾.

E por que razão não ficará vencido o grande capitão? Porque lhe darão armas maravilhosas. Levará o *elmo* da coroa de espinhos, as *luvas* e as *esporas* dos cravos das mãos e dos pés, sobre o *cavallo* da santa cruz! E o *escudo* será o próprio corpo, em que se cravará o ferro da *lança aguda*.

Venha, então, o Salvador! suplica a Misericórdia. E Deus, que tanto fizera esperar os homens, não alonga mais os séculos infinitos e envia S. Gabriel à Virgem Maria. Começa um novo diálogo e a Misericórdia e a Justiça somem-se silenciosamente, como duas sombras desencarnadas que voltam para o outro mundo ⁽³³⁾.

(29) *Ibidem.*

(30) *Ibidem.*

(31) *Ib.*, fl. 3.

(32) *Ibidem.*

(33) *Ibidem.*

Vay se ho anjo a nossa senhora e com o joelho no chão diga:

Virgem de graça muy chea,
ave, rosa singular,
tota pulchra amica mea,
tua ferrosura area,
que te venho saudar,
sobre todas as molheres
tu es bem aventurada,
exulta, flor de prazeres,

que pelo fruto que deres
nos ceos serás coroada.

Ave Maria, te digo,
esposa madre de Deos,
e alegra te tu comigo
que ho senhor Deos he contigo,
como estaa nos altos ceos ⁽³⁴⁾.

Grande foi a *trovação* de Nossa Senhora. Felizmente, so-cega-a Gabriel: *Não temas, virgem Maria!* Darás à luz um menino chamado Jesus — e ele reinará eternamente. Mas, como se fará isto? insiste a Virgem Maria. E expõe as suas dificuldades:

O que todo mundo encerra,
tudo rege e tudo ordena,
não cabe em monte nem em serra,
como caberá na terra,
em hũa molher tam pequena?

e baram eu não conheço,
posto que são esposada,
hó anjo eu não mereço
em tam rico e alto preço
ser do senhor tam estimada ⁽³⁵⁾.

Que a Mãe de Deus fique em paz. O Espírito Santo, diz o anjo, descera sobre ti,

e tu foste gerada
por misterio divinal,
na sua vontade criada

logo foste preservada
do peccado original ⁽³⁶⁾.

Docemente, a SS.^{ma} Virgem curva-se à vontade de Deus e S. Gabriel vai-se embora: *Vay se ho anjo e virá ho espirito sancto onde nossa senhora estiver, em figura de pombinha, e cantará onde Deos padre estiver* ⁽³⁷⁾. Entramos, agora, na segunda parte, com S. José, Nossa Senhora, sibilas, figuras do Antigo Testamento e pastores: *Começa se a segunda parte em que se representam has fequras seguintes, s., Isayas e Zacarias, os quaes fingem virem dos infernos e falam das prophecias da vinda de Christo. E depois se mostra Christo nascido. E entra Adão chagado e preso*

(34) *Ib.*, fl. 3v.

(35) *Ib.*, fl. 4.

(36) *Ibidem.*

(37) *Ibidem.*

em ferros e falla com os prophetas e entram as duas sebillas, s., Agrepina e Eretea e alegam ho que prophetizaram e mostrando como he nascido Christo, e se tornão ao inferno e aparece ho anjo aos pastores denunciando lhes como Christo he nascido, hos quaes ho vam ver e adorar. E fala primeiramente nossa senhora com Joseph (38).

A Virgem Maria sente que o seu menino vai nascer e invade-a uma felicidade imensa: *busquemos aqui pousada*, diz ela para S. José. Pousada? Aonde? Em Belém *está infinita gente* e S. José não conhece ali ninguém que os receba. Pois bem, decide a Virgem Maria,

neste portal nos metamos,
esta noite passaremos,

pois aa necessidade vemos
que não ha onde nos vamos (39).

Surge Isaías e conta-nos como lhe fora revelado *que ha virgem pariria / hum filho muy estremado / por misterio encarnado / e Manuel se chamaria*. E como em Gil Vicente, lemos versos entremeados de latim e português:

e por isso, yrmãos, eu dixei
puer natus est nobis,
entre nós por que se visse

e posto que a vinda se comprisse
veritatem dixi vobis (40).

Que pretendia o santo profeta? Que Deus o tirasse (a ele e a todos) da escuridão dos infernos. Zacarias olha para ele e observa: *Como estás triste, yrmão!* E o profeta responde: *amigo meu Zacarias, a minha alma está ardendo no fogo infernal:*

esta morte não na entendo,
vivo e mouro padecendo,
minha pena he desigual,

ho que jamais triste sento
é a morte não me acabar,
mas aviva meu tormento (41).

Zacarias lá vai consolando o velho profeta: *Goza te, yrmão Ysayas... O Messias virá e provemente nacerá*. Isaías concorda. Não escrevera ele mesmo, nos seus *livros*, profecias infinitas sobre a vinda de Jesus, todas *de muyto gosto e sabor?* Aliás, a divina criança vai aparecer: *Aparta se hum do outro* (isto é, Zacarias de

(38) *Ibidem*.

(39) *Ib.*, fl. 4v.

(40) *Ibidem*. Lá, vem: *veritate dixi vobis*. O sublinhado é nosso.

(41) *Ib.*, fl. 5.

Isaiás) e *aparece Christo nascido e adora ho nossa senhora dizendo:*

Adoro te, meu Deos e senhor,
craro espelho, luz do mundo,
tu es ho meu salvador,
o meu Deos e redemptor,
alegre rosto jocundo,

ó verbo de mi nascido,
senhor das grandes companhas,
de minha carne vestido,
ca andaste escondido
dentro em minhas entranhas (42).

Longa e apaixonada foi a adoração da Virgem. E o menino ficou deitado na mangedoira, todo *emborilhado*, porque geara naquela noite. E tudo começa a correr numa singeleza bucólica e mansa. Entra um anjo a cantar *Ora não chores menino* (e nós gostaríamos de saber com que música) e adianta-se, enfim, o cativo Adão, lamentando o seu triste e pecador destino:

Enfadaí vos ja hũa hora
e sequer descansarey,
que minha alma peccadora
sempre com vós outros mora;
e todos quantos gerey,

todos quantos descendêrão
desta carne peçonhenta,
todos por mi se perderam,
todos por mi mereceram
fogo que hos atormenta (43).

Muito durou o lamento de Adão. Soubera ele que uma alegria nova nascera no mundo e queria saber se desabrochara, enfim, o dia libertador da redenção:

Filhos amigos prophetas,
rogo vos que me digais
que alegrias sam estas,
a quem se fazem estas festas,
por que sam estes sinais.

que todas as cousas vemos
alegres e não podemos
saber ho por que será.

Isayas:

Padre Adam, nam sabemos
esta honrra a quem se dá,

A terra mostra prazer,
os arvores e arvoredos
e os rios, no seu correr,
e os ceos, no clarecer (44),
se mostram serem muy ledos (45).

Até nos próprios infernos, presentem os demónios alguma coisa de extraordinário e temível — andam furiosos e cheios de

(42) *Ibidem.*

(43) *Ib.*, fl. 6.

(44) Lá vem *clerarecer*.

(45) *Ib.*, fl. 6.

medo. E Isaiás propõe que se interroguem as sibilas de misterioso olhar:

Preguntemos Agrepina
e Eretea, que aqui vem,
que a vontade devina
nos obriga e nos encrina
a ouvir seus ditos tambem.

Agrepina:

Que dizes tu, Isayas,
que nos vens preguntar.

Isayas:

Por as tuas prophecias,
pois falaste de mexias
que avia de encarnar.

Agrepina:

No tempo que era viva
delle faley eu, amigo,
e agora que sam passivel,
atormentada e cativa,
ja agora não digo nada
[.....]

Eu dixee que semelharía
Deos na futura ydade
e que se ajuntaria
a carne que tomaria
com a sua divindade (46).

Mais disse Agripina e aconselhou que interrogassem a sibila Eritreia, que era *mais antiga*. Grande foi a alegria de Adão e de todos os presentes. Um por um, erguem para Deus uma oração sentida, a começar pelo pai de todos os homens:

Oração de Adam:

Ó meu Deos e redemptor,
posto que triste nam sam
digno nem merecedor,
perdoa a mi pecador,
avê de mi compaixam,
cinco mil annos sam passados
que padeço por mil modos,

pelos meus grandes pecados,
meus males são adobrados,
porque pequey mais que todos.

Com todas dores amargas,
não tenho fegura de homem,
olha as minhas mortais chagas,
olha aquestas grandes pragas,
estes bichos que me comem (47).

Não queremos cansar o leitor com a *Oração de Zacarias*, a *Oração de Isayas* nem com as preces das sibilas. A respeito destas, passamos também por alto toda a vasta e obscura história dos livros sibilinos. Basta dizer que encontramos, a cada passo, estas estranhas figuras de profetizas pagãs, nas tábuas dos palcos me-

(46) *Ib.*, fl. 6v. JUAN DEL ENCINA, *Cancionero*, Madrid, 1928, fl. 10v: *Sibila Agripa llamada...*

(47) *Auto de Deos Padre*, etc., fl. 7.

dievais e do séc. XVI⁽⁴⁸⁾. Porquê? Sobretudo por causa do *Processus Prophetarum*, em que as sibilas apareciam entre os profetas messiânicos, trazendo também elas o seu dito.

Era uma autêntica representação litúrgica enraizada num sermão apócrifo de S.^{to} Agostinho: *Contra Judaeos, Paganos et Arianos Sermo de Symbolo* ⁽⁴⁹⁾. Invocados pelo Pseudo-Agostinho, vinha Isaías, Jeremias, Daniel, Moisés, David, Abacuc, etc., cada um deles dando testemunho de Jesus. E também Virgílio e a sibila de Eritreia (a Eretea do nosso auto). A pouco e pouco, foi-se dramatizando este sermão, até se transformar no *Processus Prophetarum*, que se representava, habitualmente, na noite de Natal. Assim acontecia, por exemplo, na catedral de Salerno, com a sibila a dizer os versos famosos:

Judicii signum: Tellus sudore madescet;
E coelo Rex adveniet, per saecula futurus,
Scilicet in carne presens ut judicet orbem ⁽⁵⁰⁾.

No Mosteiro de S. Marçal, em Limoges, as personagens aumentam em número e falam quase sempre em versos rítmicos. A certa altura, o cantor exclama para a sibila:

Vera pande jam, Sibilla,
que de Christo prescis signa ⁽⁵¹⁾.

Sàbiamente, ela responde em três versos clássicos. E após um apelo final à alma incrédula dos judeus, entoava-se o *Benedicamus*.

Noutros lugares, acontecia mais ou menos a mesma coisa,

(48) P. TARBÉ, *Le tournoiement de l'Antéchrist*, Reims, 1851, pp. 106 e ss.; MARIUS SEPET, *Les Prophètes du Christ. étude sur les origines du théâtre au moyen âge*, Paris, 1878; KARL YOUNG, *The drama of the medieval church*, t. 2, Oxford, 1933, pp. 125-171 (Cap. 21: *The procession of prophets*), pp. 172-174, etc.; HARDIN CRAIG, *English religious drama of the middle ages*, Oxford, 1955, pp. 58, 59, 60, 67, 68, 207; IDEM, *The origin of the Old Testament plays*, em *Modern Philology*, t. 10 (1912-1913) pp. 473-487; E. K. CHAMBERS, *The medieval stage*, t. 2, Oxford, 1903, pp. 52 e ss.; PAUL AEBISCHER, *Un ultime écho de la Procession des Prophètes: le «Cant de la Sibilla» de la nuit de Noel à Majorque*, em *Mélanges... offerts à Gustave Cohen*, Paris, 1950, pp. 261-270; etc. No nosso teatro de quinhentos, inútil recordar o *Auto da Sibila Cassandra*, de Gil Vicente.

(49) *PL*, t. 42, cols. 1117 e ss.

(50) KARL YOUNG, *The drama of the medieval church*, t. 2, Oxford, 1933, pp. 133-138.

(51) *Ib.*, p. 142.

como na catedral de Laon⁽⁵²⁾, na de Ruão⁽⁵³⁾ etc. E entre os *Carmina Burana*, vemos igualmente a sibila entrar no palco, com grandes gestos e a cantar, de olhos fitos na estrela:

Hec stelle novitas
fert novum nuntium,
quod virgo nesciens
viri commercium,
et virgo permanens
post puerperium,
salutem populo
pariet filium!

E celo labitur
veste sub altera
nova progenies
matris ad ubera,
beata faciens
illius viscera,
que nostra meruit
purgare scelera⁽⁵⁴⁾!

No auto português, as duas sibilas entram em cena, mas tristemente. Como elas se lamentam das dores que sofrem nos abismos infernais! Felizmente, Agripina vê já a *moça formosa* e virgem, com um *menino pequeno* deitado em palhinhas agrestes. Eritreia, por seu lado, recorda a sua profecia sobre o Messias nascido em Belém. Bendito seja Deus! Agora, diz Eritreia (ou, mais exactamente, a sibila de Eritreia) chegou *ho mexias prometido, / ho qual nos he ja nacido / entre os vivos na terra*⁽⁵⁵⁾. Comovidamente, as sibilas rezam, ante o *mistério maravilhoso* de Deus num curral, homem *composto de ossos e nervos!*

Isaías e o pai de todos os homens falam pela última vez, as *feguras* vão-se e *entrão os pastores*. Estes têm os nomes dalguns pastores de Gil Vicente (Brás, Llorente, Gregório). E naquela noite *friorenta* e serena, escutamos o diálogo castelhano dos zagais, em torno da fogueira. Graças a Deus, o anjo fala-lhes em português:

Á pastores, á pastores,
denuncio vos gram bem,
que ho senhor dos senhores,
por salvar os pecadores,
he nascido em Belém,
hũa virgem ho á parido,
sem semente de varam,

esta noyte foy nacido
vosso rey e salvaçam,
debaixo de huum portal,
em Belém, ho achareis,
Deos e homem devinal,
o qual vos adorareis⁽⁵⁶⁾.

(52) *Ib.*, p. 144; U. CHEVALIER, *Ordinaires de l'Église cathédrale de Laon*, Paris, 1897.

(53) KARL YOUNG, *op. cit.*, t. 2, pp. 145-153.

(54) *Ib.*, pp. 173-174.

(55) *Auto de Deus Padre e Justiça e Misericórdia*, fl. 0v.

(56) *Ib.*, fl. 8.

Brás, Gregório e Llorente abalam, cantando, para a cidadezinha de Belém, e levam consigo presentes pastoris: Brás oferece leite; Gregório prefere manteiga e Llorente dá morcelas (*morcillas*) à Mãe de Deus. Não são pastores de Watteau, vestidos como fidalgos a pastar gado. Porém, conhecem as profecias e, no fundo, nada têm de grosseiros (pelo menos diante de Nossa Senhora). Entregam as suas oferendas e, em espanhol, pedem licença à Virgem Maria para voltar aos seus rebanhos e às terras maninhas. Ela responde-lhes em português, como se o céu gostasse mais desta língua:

Nossa senhora:

De Deos sejays emparados
e elle vos galardoe,
acrecente em vossos gados,
e vossas culpas e pecados
o senhor volas perdoe.

Eu serey de vós lembrada,
onde quer que vós andardes,
pella graça que me he dada
eu serey vossa avogada,
quando quer que me chamardes (57).

Felix qui potuit rerum cognoscere causas, diz Virgílio. Sim, felizes todos os que podem conhecer as origens das coisas e as forças que as geraram! O nosso teatro quinhentista mergulha no vasto teatro medieval e este enraíza, frequentemente, na liturgia e na literatura religiosa. Uma onda nasce da outra. Assim as criações do espírito, filhas do passado e mães do futuro. Muito gostaríamos de estabelecer, com suficiente clareza, a extensão da dívida de Gil Vicente ao teatro europeu (sobretudo religioso) que veio antes dele, porque na literatura, como na vida, uma bela hereditariedade é um penhor de grandeza. Por agora, limitamo-nos a este auto anónimo do séc. XVI, com as suas *filhas de Deus* e as sibilas de olhar carregado de futuro.

MÁRIO MARTINS

(57) *Ib.*, fl. 8v.